

REPENSANDO O POSITIVISMO

Gabriela Pereira Martins
Universidade Federal de Juiz de Fora
Mestranda em Ciências Sociais
gabrielapmartins@hotmail.com

Resumo

O objeto deste trabalho é o estudo da filosofia positivista evidenciada no Brasil no final do século XIX e começo do século XX. Tomo como referencia comparativa, dois tipos de positivismo brasileiro, o ortodoxo e o heterodoxo. O ortodoxo teria como representante Raimundo Teixeira Mendes enquanto membro atuante do Apostolado Positivista na cidade do Rio de Janeiro, e o heterodoxo no médico atuante na cidade de Jacareí no Estado de São Paulo, o Sr. Luis Pereira Barreto. Ao realizar algumas comparações entre estes dois tipos de positivismo brasileiro, começo a identificar alguns elementos que permanecem e outros que são modificados. O elemento que permanece em ambos os positivistas aponta para as argumentações do altruísmo em detrimento do egoísmo. A implementação do altruísmo em Teixeira Mendes seria através da adesão à religião da Humanidade, e em Pereira Barreto seria através da ciência enquanto proporcionadora do progresso brasileiro. O elemento diferente ou modificado presentes no positivismo de tipo ortodoxo e do heterodoxo é o próprio principio ativo argumentativo: em Teixeira Mendes é o cunho religioso embutido como pano de fundo dos argumentos e em Pereira Barreto é a própria ciência. Este elemento comum, o altruísmo, aponta para uma interpretação do Brasil de versão comunitarista, ao sugerir uma contenção dos desejos egoístas dos indivíduos em prol da humanidade.

Palavras-chave: positivismo, linguagem e altruísmo.

INTRODUÇÃO

A Igreja positivista no final do século XIX e começo do século XX tinha o hábito de publicar suas idéias e críticas através dos folhetos publicados em sua gráfica própria e através de jornais de grande porte do Rio de Janeiro, a exemplo do *Jornal do Comércio*, pois acreditava que assim as idéias se disseminariam mais fácil e conquistariam os corações e mente da população em geral. A pretensão de conquistar a mente e o coração das pessoas tinha a finalidade de alcançar a ultima etapa da história da humanidade, o estágio positivo. Neste estágio a população tornar-se-ia esclarecida, mas para isso a transição do período

metafísico para o positivo teria que ser pacífica, sem que o espírito do ser humano sofresse qualquer tipo de violência impositiva por parte da escola, do governo, ou de qualquer religião, pois a adesão à estas idéias científicas esclarecedoras se daria de maneira voluntária e pacífica.

Os positivistas dirigentes da Igreja Positivista, Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, tidos por muitos como ortodoxos, foram os principais responsáveis por esta empreitada publicista nos jornais de expressão do Rio de Janeiro, e Luis Pereira Barreto, tido como heterodoxo, também praticava o mesmo costume no Estado de São Paulo, ao publicar suas idéias positivistas nos jornais, principalmente em “A província de S.Paulo” o qual mais tarde veio a se chamar “O estado de S.Paulo” (Alonso: 1985; Carvalho: 1989, 1990, 2003).

Por mais religiosos e dogmáticos que as figuras de Teixeira Mendes e Miguel Lemos pareçam, eles continuam sendo de grande importância para entendermos a filosofia positivista em solo brasileiro, pois ao quererem conquistar as mentes e corações da população, eles trazem a tona elementos

argumentativos constituintes daquela sociedade a qual pertenciam. Exemplo disso são as discussões sobre liberdade religiosa ressaltando a separação das esferas temporal e espiritual em plena “questão religiosa” com os bispos D. Vital e D. Macedo Costa; ou ainda sobre a secularização dos cemitérios e do casamento civil durante o processo de fabricação da Constituição Republicana; ou ainda sobre a forma de governo ditatorial positivo ou democrático metafísico quando já no período republicano.

São temas como estes, presente nos textos dos citados jornais, e presentes também em folhetos, que montam o contexto a ser estudado. O trabalho tem ainda a pretensão de identificar que além de se tratar da mesma realidade, com os mesmo temas presentes – “Questão Religiosa”, o “sanitarismo”, a “obrigatoriedade da vacinação”... –, respalda na mesma filosofia orientadora dos argumentos, no caso o positivismo, existem continuidades e descontinuidades entre os ortodoxos da Igreja positivista e do heterodoxo Pereira Barreto.

Para demonstrar os embates que emerge dos textos de Teixeira Mendes

representante da corrente ortodoxa e de Pereira Barreto da heterodoxa será utilizados neste trabalho a temática da vacinação, no período das epidemias de varíola e da febre amarela, e seu desfecho na questão da obrigatoriedade da vacinação. E após realizar esta comparação dos argumentos positivistas, ortodoxos e heterodoxos, as continuidades e descontinuidades do positivismo brasileiro aparecerão.

EM BUSCA DE UMA TEORIA DA LINGUAGEM

Na obra de Quentin Skinner, *As fundações do pensamento político moderno*, a própria vida política traz a tona os principais problemas para os teóricos da política, fazendo que um certo elenco de pontos pareça problemático, e um rol correspondente de questões se converta nos principais tópicos em discussão. Ele considera igualmente essencial levar em conta o contexto intelectual em que foram concebidos os principais textos. Pois é evidente que a natureza e o limite do vocabulário normativo disponível em qualquer época contribui para determinar as vias pelas quais certas questões em particular virão a

ser identificadas e discutidas (Skinner: 1996, p.10-11).

Esta metodologia do estudo das *idéias* ajuda a entender algumas ligações entre teoria e prática política. Por exemplo, um historiador da teoria política que busca interpretar uma ideologia de uma época, certamente vinculará aos princípios políticos e idéias, o comportamento político desse período, pois só assim o comportamento ganhará sentido significativo. Da perspectiva da análise weberiana, que Skinner julga insuficiente, esta relação poderia ser explicada da seguinte maneira: “o agente político tem um projeto que deseja legitimar; em função disso, professa justamente aqueles princípios que melhor servem para descrever, em termos moralmente aceitáveis, que ele haverá de fazer” (ibid.p. 12).

Mas Skinner lembra que uma sociedade tem um vocabulário normativo avaliador da conduta da vida política, e o problema se torna o de interpretar o que o agente “estava fazendo”, e isso é mais do que simplesmente tratar apenas de uma ação “instrumental, de recortar sua linguagem normativa a fim de adequá-la a seus projetos [, mas sim] de recortar seus

projetos a fim de adequá-los à linguagem normativa de que dispõe” (idem). Assim, não se trata de linguagem em função de projetos legitimadores, mas sim de projetos em função de uma linguagem legitimadora. A linguagem constitui o universo significativo que legitima as mais variadas ações e projetos particulares de agentes.

Recuperar estes termos do vocabulário normativo de um determinado agente, situado em uma determinada época, implica em descrever e limitar ao mesmo tempo o seu comportamento político. Pois para explicar por que o “agente faz o que faz”, é necessário recuperar o seu vocabulário, já que este determina a sua ação (idem). Assim, Skinner entende que ao nos concentrarmos no estudo desses vocabulários, compreenderíamos que os comportamentos políticos dependem do estudo do pensamento político (ibid p. 13). O método sugerido por Skinner permite definir o que seus atores *estavam fazendo* quando escreveram suas obras. Desta forma podemos “ver não apenas que argumentos apresentavam, mas também as questões que formulavam e tentavam responder” (idem), e em que

medida aceitavam ou contestavam as idéias e convenções então predominantes no debate político.

Segue-se disso duas proposições: a primeira é que para saber o que significou determinado autor, antes temos que saber qual era a sua intenção; e a segunda é que temos que observar não apenas o texto, mas sim o contexto no qual o autor escrevia (ibid. p. 14).

Skinner chega a conclusão que estudar o pensamento de uma época traz luz aos olhos míopes, pois o que parecia ser discordante, localizado em dois pólos opostos, de maneira a configurar um debate infindável com pontos de vistas destoantes, são apenas linguagens em comunicação.

Outra contribuição importante, também da escola de Cambridge, foi a do historiador John Pocock que compartilhou das discussões acerca da reformulação do conceito de “pensamento político”. Sua contribuição para a teoria da linguagem foi perceber os “atos de fala” em “uso” num contexto linguístico, ou ainda, de perceber os pensamentos como proposições que requerem um “modo” de validação. Portanto, a análise se volta para a “variedade de coisas que

podiam ser ditas ou reconhecidas como sendo ditas, e sobre a diversidade de contextos linguísticos que iriam determinar o que poderia ser dito e que, ao mesmo tempo, sofriam a ação daquilo que era dito (Pocock: 2003, p. 24). Neste ponto Pocock vai um pouco além de Skinner, porque diferencia pensamento político de discurso político. De acordo com Pocock para explicar melhor este movimento de diferenciação da análise do “pensamento político” e do “discurso político” seria preciso perceber a práxis linguística e suas consequências e implicações. O “pensamento político” está imbricado com a prática institucional e de publicações especializadas, e o “discurso político” nada mais é do que a atividade de homens e mulheres pensantes.

No entanto nos últimos tempos os teóricos do “pensamento político” se viram numa profunda agitação, uma vez que se tornou difícil teorizar o conceito de “pensamento político”, por ser ele ligado mais a uma noção estática, tida como uma espécie de percepção totalizante das idéias enquanto *mentalidades* e não propriamente como *linguagens*. A mudança do enfoque da mentalidade para

a linguagem não mais reconhece a dicotomia sujeito e objeto. Ou seja, antes, no processo da aquisição de conhecimento, o objeto, possuidor de características materiais e substanciais, emitia aos olhos humano suas propriedades, a qual era codificada pelo cérebro em forma de palavra, e a boca proferia o som correspondente a palavra. O objeto, na teoria da linguagem, passa a ser algo somente quando em relação com alguma outra coisa, e o sujeito fica despido da posse de uma mentalidade formada pela essência do objeto. Com isso o estudo da mentalidade passa a não fazer mais sentido, e é trocado pela análise baseada na concepção de linguagem (Rorty: 2000, p. 51- 92).

A linguagem não é um meio de representar a substância das coisas, e sim de relacioná-las. Várias correntes adotaram esse modelo antiessencialista e antimetafísico como o existencialismo, o desconstrutivismo, o holismo, o pós-estruturalismo, o pós-modernismo, o wittgensteinianismo, o anti-realismo, a hermenêutica e o pragmatismo. Todas elas, de certa forma, operam com duas premissas: “tudo é uma construção social”, como, por exemplo, procede

Foucault ao mostrar que as práticas linguísticas estão entrelaçadas com as práticas sociais, e que nossas descrições da natureza humana são funções de nossas necessidades; e a segunda premissa, é que “toda consciência é um fato linguístico”, ou seja, nunca aprenderemos uma realidade que não seja mediada por uma descrição linguística, a final de contas não aprendemos aquilo que não conhecemos através da nossa própria linguagem disponível (idem). Então, as palavras de alguém, para serem expressão do pensamento, devem pertencer a uma linguagem e a um contexto.

De acordo com Pocock, a filosofia analítica e a da linguagem ajudaram muito a redefinir o conceito de “pensamento político” proposta por Quentin Skinner em seus textos publicados em meados da década de 1960. Ele retoma a importância do resgate das *intenções* do autor no ato da elaboração do seu texto. Skinner questiona se as intenções estão isoladas como algo existente apenas na mente do autor, ou se as intenções existem somente quando são concretizadas, e vai além quando introduz a idéia de que “o autor

habita um mundo historicamente determinado, que é apreensível somente por meios disponíveis graças a uma série de linguagens historicamente constituídas. [Assim] os modos de discursos disponíveis dão-lhes as intenções que ele pode ter (Pocock: 2003, p. 23-24). Isso além de demonstrar que um autor é determinado pelo contexto linguístico em que habita, também demonstra a impossibilidade da utilização daquilo que inexistente no contexto linguístico do autor.

A segunda grande contribuição de Skinner, em certa medida decorrente do deslocamento da intenção localizada num plano *mentalista* rumo ao plano prático onde se dá a efetivação da linguagem, é a preocupação de desenvolver uma história do pensamento político através da descoberta dos meios para saber o que um autor *estava fazendo*. Refletir sobre este método proposto por Skinner requer pensar o que significa essas duas palavras em inglês: é o mesmo que “o que ele pretendia”, o que ele “estava tramando”, ou seja, quais eram as estratégias intencionais do autor (Pocock: p. 28-29). Assim a noção de intenção permanece, mas não da mesma maneira

que antes, localizada no plano da mente para só posteriormente ir para o plano da ação. Agora a intenção esta em construção no ato de fala ou escrita, o autor não detem mais a posse da intenção, ela esta num plano da efetivação, da construção, ela está na linguagem.

Esta intenção poderia estar em construção na linguagem da seguinte forma: um autor não necessariamente tinha uma intenção antes de realizar determinado ato, mas a partir do momento em que ele é colocado em uso, outros poderão reutilizá-lo. Daí decorre que intenção e efeito são processos diferentes, uma vez que a intenção do autor ao praticar determinado ato, não é a mesma do processo de reutilização. A partir do momento em que o enfoque volta-se para o processo da efetivação, é possível perceber que as ações do autor estão num tempo em aberto, dado que seu ato efetivado está sujeito ao processo interpretativo, o qual por sua vez, está sujeito a uma recepção não coincidente com a efetivação. Portanto, “a pergunta sobre o que um autor *estava fazendo* pode [...] ter uma infinidade de respostas, e é [...] concebível [...] que o autor ainda não tenha terminado de fazer o que estava

fazendo”, por isso que Skinner empregou o pretérito imperfeito contínuo do inglês (ibid. p. 29).

Este método sugerido por Skinner (1996) fez com que Pocock empreendesse estudos voltados para o resgate da linguagem do autor com a preocupação, tanto de perceber qual a intenção do autor, como também de perceber qual intenção era possível ter o autor, dado que este é um “habitante de um universo de *langue* que confere sentido à *parole* que ele emite nessas línguas” (Pocock: 2003. p. 28). Ou seja, o autor é habitante de um contexto de vivências práticas onde as relações se desenvolvem. Este “contexto”, por sua vez, opera com algumas regras e estruturas próprias, da mesma forma que uma gramática da língua. Os “atos de fala” existentes dentro deste contexto linguístico são as maneiras de proferir de um sujeito. Desta forma existem dois níveis, o de *langue* e o da *parole*. Numa análise intra-níveis, a *parole* seriam os modos como os “atos de fala” são emitidos pelos indivíduos; no nível da *langue* podemos perceber o “contexto” moldurante, que, de certa forma, constitui o meio, o ambiente onde o autor se

encontra. Numa análise inter-níveis é possível demonstrar que existe uma tensão da *langue* na *parole*, assim como da *parole* na *langue*, ou do “contexto linguístico” sobre o “ato de fala” do indivíduo, ou do ato proferido pelo indivíduo sobre o contexto linguístico.

Embora a relação entre *langue* e *parole* seja apenas uma exemplificação, e não propriamente o objeto de estudo, será através delas, que o movimento da linguagem, o de transmissão (tradição) e o de inovação, se tornam mais compreensíveis. A linguagem empregada por um autor está em uso num contexto linguístico específico, desta maneira, a linguagem está sujeita ao movimento de inovação, tanto quanto ao movimento de transmissão. O movimento de transmissão se refere ao que permanece ao longo dos tempos, pois se a linguagem tem estruturas de funcionamento, ou seja, paradigmas e convenções que selecionam informações e favorecem a definição de valores de uma determinada forma, estas estruturas ou convenções geralmente não são corrompidas facilmente, porque, para que um ato de fala seja compreendido num contexto linguístico, algumas estruturas mínimas devem ser mantidas,

caso contrário a *langue* não conferiria sentido a *parole*.

Este movimento de transmissão apontado por Pocock está correlacionado a continuidade desses paradigmas ou convenções, através dos tempos, sincrônico e diacrônico. Um acontecimento num tempo presente mantém relações com o tempo passado. O conceito de transmissão tem que estar correlacionado a algum conteúdo (convenções ou paradigmas), porque, quem transmite, tem que transmitir alguma coisa, e conseqüentemente, esta coisa estava no passado, e continua no presente, mas num presente inacabado, em constante processo de transformação, assim é a linguagem. Disso resulta mais uma característica da linguagem, o constante processo de transformação.

Por outro lado, a *parole* age sobre a *langue*, de maneira a exercer sua força “sobre as convenções e implicações da linguagem, sobre outros usuários da linguagem, sobre atores em quaisquer outros contextos, de cuja existência ele possa se sentir persuadido, e possivelmente sobre esse mesmo contextos” (ibid. p. 35). O movimento de inovação, de certa forma opera num

sentido contrário ao da transmissão, embora não em dissonância com o movimento da transmissão. Este modelo explicado por Pocock não possui dois polos opostos que se repelem, é um *continuum* do mesmo movimento, e não um “outro movimento” na contra-mão. É como se fosse

“o vinho novo sendo despejado em velhas garrafas: as novas circunstâncias e os problemas relativos ao pensamento e a ação que [as linguagens] geram, serão assimilados às circunstâncias pressupostas pelas velhas convenções, de maneira que estas últimas poderão continuar a governá-las” (ibid. p. 76).

Assim as linguagens mais antigas, além de informar que tipo de universo o autor habita, também propiciam a continuidade em meio a transformações que se estendem por longos períodos.

O outro processo que se verifica dentro desse *continuum*, seria

“as novas circunstâncias [que] geram tensões nas velhas convenções, a linguagem acaba sendo usada de novas maneiras, ocorrem transformações na linguagem em uso, e é possível imaginar esse processo

conduzindo à criação e à difusão de novas linguagens” (idem).

A criação de uma nova linguagem pode ser uma tentativa de manter a velha linguagem, ou seja, uma “ênfase na mudança, na ação e na modernidade, [pode] está presente nas estratégias dos que defendem uma ordem tradicional” (idem).

Além de perceber a movimentação que existe numa linguagem política, Pocock identifica que em um contexto linguístico existem várias linguagens, ou sublinguagens, que são os possíveis idiomas, retóricas, maneiras de falar sobre política, cada qual podendo ter seu vocabulário, regras e pré-condições (ibid. p.65). São linguagens empregadas por grupos ou comunidades específicas, que articulam seus interesses dentro de um universo linguístico. Portanto, podemos decompor esse universo do discurso político em multiplicidade de sublinguagens ou idiomas passíveis de gerar outros idiomas no interior da atividade do seu próprio discurso, bem como tomar de empréstimo, ou ser invadida por idiomas originados em outras comunidades de discurso (ibid. p.

69). É com base neste pressuposto que este trabalho busca identificar as várias linguagens que imprimem uma movimentação no campo das idéias políticas no final do século XIX no Brasil através das discussões sobre a vacinação entre os positivistas.

LUIS PEREIRA BARRETO

Luis Pereira Barreto nasceu em Resende em 1840, ainda no período imperial. Era filho do Com. Fabiano Pereira Barreto, um influente político local da região de Resende, no vale do Paraíba, e um abastado fazendeiro de café. Sua mãe chamava-se Francisca de Salles Barreto, prima de seu pai e oriunda de uma tradicional família de Guaratinguetá – SP.

Aos 15 anos foi mandado para Bruxelas na Bélgica, para que se formasse em medicina. Foi nesta ocasião que teve contato com várias correntes filosóficas e de pensamento, como a exemplo do positivismo e das idéias de microbiologia de Pauster. No decorrer de sua atividade intelectual, essas idéias estarão fortemente presentes, sejam em seus

experimentos científicos na melhoria do café de seu pai - quando desenvolveu uma nova qualidade de café, a qual denominou de café Bourbon; sejam nas experiências com a viticultura. Essas idéias estavam presentes desde quando apresentou seu trabalho para revalidação do seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1865, a “Teoria das Gastralgias e das Neuroses em Geral”.

Nesta obra, “Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral”, encontraremos alguns destes princípios positivistas, que justificam a forma como o autor encarava tanto a doença e o funcionamento do corpo humano quanto a sua consequente visão sobre alguns dos problemas enfrentados na sociedade a qual pertencia, como a vacinação e o sanitarismo.

Influenciado pelas idéias positivistas, Pereira Barreto encarava a humanidade como um organismo complexo, onde cada homem seria um membro e estando harmonia individual dependente da harmonia coletiva. Para este pensador, uma vez não estando em harmonia o coletivo, o indivíduo pertencente àquela sociedade entraria em confusão mental. Este estado de confusão

mental era característico das sociedades que se encontravam no segundo estágio da história da humanidade, no estado metafísico.

De acordo com Pereira Barreto, a sociedade brasileira havia acabado de entrar neste estágio metafísico, cujo caráter era meramente transitório, por ter a missão de criticar e dissolver a teologia e preparar o acesso ao regime positivo definitivo. O momento que marcava esta passagem do período teológico para o metafísico seria os acontecimentos datados de 1872, na “questão com os bispos”, justamente por colocar em dúvida o poder dos clérigos como responsáveis pelo poder espiritual da nação. As discussões geradas pela “Questão Religiosa” deixou a população em dúvida com os seus valores, tidos antes enquanto coesos, instalando um estado de profunda confusão mental nos indivíduos pertencentes àquela sociedade.

Este estado metafísico, com a sua racionalidade abstrata, tendo colocado em dúvida a unidade residente na mente das pessoas do estado teológico, faz romper, de acordo com Pereira Barreto, as doenças características da modernidade: as gastralgias e as nevroses. Essas

doenças refletiam o estado social e moral que se encontrava a população, pois numa sociedade onde a razão egoísta individual prevalecia sobre a razão altruísta no plano das relações sociais, significava que não existia um sentimento coeso que unisse estes indivíduos enquanto pertencentes a uma coletividade, qualquer que fosse a sua natureza: família, pátria, ou mesmo enquanto humanidade (Barreto: 1967, p.65).

Pereira Barreto, ao estudar as moléstias e epidemias que assolavam o Brasil considerando-as enquanto doenças da modernidade, contribuiu para identificar causas sociais na doença, de maneira a não ver o homem isolado em um estudo especializado de laboratório, ou seja, isolado dos fenômenos sociais do qual faz parte.

Para explicar estas duas doenças da modernidade, as gastralgias e as nevroses, Pereira Barreto toma como fundamento alguns princípios positivistas. O primeiro é a teoria cerebral de Comte, desenvolvido no “Catecismo Positivista”, e o segundo é a teoria enciclopédica hierárquica, apresentada no “Curso de Filosofia Positiva”.

Na teoria cerebral de Comte, que Pereira Barreto toma de empréstimo para explicar o movimento da doença moderna, a natureza humana é dada como composição dos aspectos da inteligência, do sentimento e da atividade. A inteligência, por intermédio dos sentidos, recebe o mundo exterior e imprime o seu controle sobre os sentimentos. A inteligência é estimulada pelos impulsos sociais, pois são estes que determinaram o estado moral de uma coletividade de indivíduos, direcionando a atividade prática deles no mundo. (Barreto: 1865, p.39-40). Ou seja, existe o mundo exterior (o meio) que imprime ao organismo humano o seu estado de coisas, equilibrado ou desequilibrado. Nesse sentido, um meio desequilibrado determinaria um organismo biológico desequilibrado, e um meio equilibrado determinaria um organismo biológico igualmente equilibrado.

Desta forma, Pereira Barreto caracteriza um estado normal ou de saúde como: “1) consenso geral ou por uma íntima harmonia entre todas as forças cerebrais, sob a persistência do sentimento, cujo exercício é o único contínuo; 2) uma harmonia constante

entre o organismo e o meio ambiente; 3) uma modificabilidade mútua de um e do outro; 4) consequência natural, por um concurso mais ou menos estável de todas as funções viscerais” (Barreto: 1865, p.41). A saúde, nestes moldes, seria o estado de unidade reclamado pelos elementos ativos que dirigem o organismo, como também a harmonia entre o organismo e o meio ambiente. Quanto à modificabilidade humana, ela derivaria de uma outra teoria mais geral, da hierarquia enciclopédica.

Esta última, teoria que também influencia Pereira Barreto, tem a pretensão de mostrar a classificação das ciências e suas conseqüentes influências, partindo da menor simplicidade para a maior complexidade, do geral para o particular, do mais abstrato para o mais concreto, pois quanto mais perto do ser humano maior seria o nível de complexidade: começando pela matemática, passando pela astronomia, pela física, pela química, pela biologia, pela sociologia e finalmente no moral, como um jogo de escalas harmônicas.

Neste quadro, a biologia se ocuparia dos fenômenos vitais, sofrendo qualquer tipo de influencia do mundo

material, assim como ocasionaria influências na ordem social e conseqüentemente na ordem moral até atingir o nível individual (Barreto: 1865, p.43). Desta forma a saúde do ser humano seria a expressão do bom funcionamento do seu organismo em sintonia com as formas material, moral e social ao seu redor.

Então, se o quadro das ciências enciclopédicas se encontravam em desarmonia, de acordo com Augusto Comte, a mente humana, assim também estaria. Comte considerava que o século das luzes era causador dos tumultos revolucionários evidenciados na Independência Americana em 1776 e da Revolução Francesa em 1789; e por isso a podemos perceber a sua ânsia por uma reconstrução e reorganização da sociedade, pois o desejo por uma sociedade em paz, por um regime político estabilizado em que os desenvolvimentos científicos e industriais propiciassem o progresso e a felicidade, eram fortemente correntes. Para reorganizar este estado de coisas seria necessário dominar os saberes e assegurar os poderes, para reorganizar as idéias e refazer o mundo (Petit: 1999, p. 14).

É sob esta perspectiva que Pereira Barreto considerava a saúde com o equilíbrio das forças trocadas entre as ciências, atingindo o corpo humano através da inteligência de forma a captar os sentidos e produzir atividades coordenadas; já a doença seria o mesmo movimento, mas com troca de forças desordenadas (Barreto: 1865, p.47).

Nesse ínterim, ao atingir todas as classes com o espírito positivo, a começar pelos matemáticos, seguido dos astrônomos, dos físicos, dos químicos, dos biólogos, dos sociólogos e dos políticos, estaria completa a evolução da pátria brasileira. Para isso, na visão positivista, seria preciso suprimir gradativamente os desejos individuais egoísta destes em prol do sentimento altruísta em relação a nação brasileira, até atingir assim toda a humanidade.

Além da influência de Comte, Pereira Barreto sofreu grande influência das descobertas de Pasteur, o que o levou, por exemplo, a se posicionar favoravelmente à vacinação, se diferenciando dos ortodoxos por acreditar nos micróbios e bactérias, que para estes últimos pertenceriam ao mundo invisível.

Pasteur é o homem que enche o século, é o homem que personifica toda a biologia do século XIX. Foi o primeiro que viu no fenômeno da fermentação um ato essencialmente vital: os micróbios. De forma que não há mais região alguma do corpo que o nosso bisturi respeite, tudo podemos tentar, tudo podemos fazer – com uma única condição: – é que tomemos todas as precauções, a fim de aniquilar os micróbios, e impedir que seus germes atinjam as feridas [...] E diz ser a prevenção uma arma onipotente da cirurgia, como da medicina, como da higiene pública. Prevenir as complicações das feridas, prevenir as moléstias, as epidemias é a nossa quase única preocupação na atualidade (Barreto: 1981, p.20-21).

Estes micróbios defendidos por Pereira Barreto eram tidos pelos ortodoxos da Igreja positivista como abstração metafísica pelo fato de não serem visíveis a olho nu. Desta forma, estes seres seriam inanimado, inexistentes e conseqüentemente as vacinas seriam apenas líquidos sem validade alguma.

São idéias como essas que motivaram Pereira Barreto a empreender uma série de campanhas, como a do combate a febre amarela, quando defendia

alguns pontos semelhantes aos de Oswaldo Cruz, de forma a argumentar a favor do combate ao transmissor da doença, liquidando os focos e os poços de água parada. Pereira Barreto também aceitava a invasão dos lares, se necessário fosse para liquidar de vez com as pestes que impediam o Brasil de se posicionar rumo ao desenvolvimento material, social, intelectual e moral. Ele era a favor da vacinação por acreditar nos benefícios que a vacina poderia trazer para o desenvolvimento da nação, pois uma vez tornado o Brasil um país salubre, atrairia a imigração européia para trabalhar em solo brasileiro, favorecendo a implementação de um novo jeito de pensar. Desta forma mudaria aos poucos o espírito da nação, rumo ao estágio positivo.

Portanto, nos argumentos deste autor, seria através da ciência que conseguiríamos atrair imigrantes de maneira espontânea e o seu capital, conseqüente, principalmente o intelectual e desta maneira, teríamos condições de colocar a nação rumo ao progresso (Barreto: 1896, p.18).

RAIMUNDO TEIXEIRA MENDES

Raimundo Teixeira Mendes nasceu em 1855 na cidade maranhense de Caxias. Era filho do Dr. Raimundo Teixeira Mendes, engenheiro pela escola central de Paris. Desta forma, percebe-se que o personagem aqui a ser tratado não era de uma família sem recursos, assim como não era de uma família desprovida de instrução intelectual. Em 1867 foi para o Rio de Janeiro e estudou no collège St. Louis, dos padres franceses, e mais tarde no internato Pedro II. Desde cedo Teixeira Mendes se mostrou um aluno estudioso e inteligente, fato consumado no quarto ano do internato Pedro II, quando se meteu a estudar teoria geométrica e demonstrou de uma maneira original do teorema de Pitágoras. Foi na Escola Central do Rio de Janeiro, a então afamada escola politécnica, onde Teixeira Mendes teve contato com o trabalho analítico de Comte, quando procurava se aprofundar em seus estudos matemáticos. Logo se rendeu ao positivismo e passou a lê-lo de forma integral (Torres: 1957, p. 110-111).

Foi num exame oral realizado em 1875 que Teixeira Mendes manifestou a sua adesão completa à Comte, criticando

com argumentos retirados da “Filosofia Positiva” o governo monárquico. A partir dessa iniciação ao positivismo sua vida se confundiria com a doutrina, e cada vez mais as suas atividades passariam a ser ordenadas pela mesma (Torres: 1957, p. 112). Ainda quando estudava na politécnica, em 1876, escreveu, junto com Miguel Lemos, um artigo violento contra o Visconde do Rio Branco, então diretor daquela instituição. Este fato lhe rendeu a expulsão da Politécnica e sua consequente viagem para Europa. No fim do mesmo ano voltou para o Rio de Janeiro e se rematriculou na Politécnica (Torres: 1957, p. 112-113).

Aplicou o comtismo à realidade vivida por ele: contra o catolicismo, a escravidão, a universidade, contra a guerra (vivenciou tanto a guerra do Paraguai quanto a I Guerra Mundial), assim como contra a obrigatoriedade da vacina.

Num curioso folheto intitulado “Ainda a questão da varíola e da vacina”, do dia 13 de julho de 1908, publicado um dia depois no jornal do Comércio, Teixeira Mendes colocou o Apostolado em condição de defesa contra os constantes ataques que os *sectários* do

despotismo sanitário haviam empreendido – denominação dada por Teixeira Mendes aos defensores da obrigatoriedade da vacina.

Estes *sectários* acusavam a Igreja Positivista de incentivar a manifestação dos revoltosos contra a obrigatoriedade da vacinação, uma vez, que havia se instalado na cidade do Rio de Janeiro uma situação calamitosa com tiros, gritaria, destruição de bondes e de fachadas dos edifícios públicos e privados, até chegar a ponto de decretação de estado de sítio da cidade.

O posicionamento de Teixeira Mendes, no folheto referido acima, nos faz repensar a própria situação dos positivistas ortodoxos da Igreja Positivista, que estariam mais numa situação de defesa e não numa situação de ataque ao governo, como geralmente estes personagens são retratados pela literatura especializada.

O ponto de partida de Teixeira Mendes neste folheto era a incapacidade do governo de superar a epidemia de varíola e de febre amarela, as quais assolavam o país, tentando extraviar a opinião pública com duras críticas ao Apostolado e chegando ao ponto

inclusive de acusar o positivismo da Igreja Positivista de disseminar tal epidemia. Teixeira Mendes cita o caso de uma menina positivista que morreu sob o diagnóstico de varíola e que teve seu corpo velado na Igreja Positivista sem estar o caixão vedado como queriam os *sectários* do despotismo sanitário. A justificativa para o fato de o caixão estar aberto era que a família e amigos deveriam prestar as últimas homenagens à menina, como manda os ensinamentos de Augusto Comte. Assim, querendo os sanitaristas imprimir uma medida de precaução, lacrando o caixão, feriria-se os valores e costumes religiosos agindo de maneira despótica. Esses sanitaristas despóticos declaram que aquela rua Benjamim Constant, onde funcionava o Apostolado, estava infectada pelo vírus da varíola e ainda estava contaminando as pessoas ao não serem prudentes em seus cultos, deixando o vírus propenso à disseminação (Mendes: 1908, n264, p. 5).

Para Teixeira Mendes, debater sobre a questão da vacina não era uma predileção pelo assunto, mas sim uma questão decorrente de “um incidente no conjunto dos [...] esforços regeneradores”. O objetivo não era

combater a vacina ou a medicina, mas sim defender a liberdade espiritual, ou qualquer outra liberdade cívica que formam a base da regeneração política e moral. O fato de ter atacado o programa de sanitarismo implantado no Rio de Janeiro foi por terem, o governo e os cientistas médicos metafísicos, concebido uma idéia errônea de ciência, prolongando as virtudes fantasiosas da vacina a fim de atentar contra a liberdade espiritual e a liberdade cívica ao tornar a vacinação obrigatória (Mendes: 1908, n264, p.2).

Para Teixeira Mendes, a vacina seria apenas mais uma das aberrações da concepção metafísica materialista médica, como a doutrina microbiana. Teixeira Mendes afirma que a Igreja Positivista não teria abordado tais questões se não fosse o Estado ter insistido em implantar aquele estado de coisas que condicionavam ao atraso político e moral, de modo a impedir a regeneração humana. Seria por isso, então, que o Apostolado deveria defender a eliminação de todo o tipo de violência cívica, como foi o caso da vacina.

Os casos que denotam a violência praticada pelo estado em nome de um

sanitarismo oficial, além destes como o da menina positivista citado acima, o episódio do paquete francês "Orléanais", que desembarcou no porto do Rio de Janeiro trazendo 4 casos de peste confirmado, sendo 2 mortos e 2 enfermos, os quais foram removidos para o Hospital S. Sebastião, sofrendo imunização pela vacina, assim como os 109 passageiros que desembarcaram ali. O paquete foi submetido a forte inspeção sanitária, seguindo viagem para Buenos Aires.

No despotismo sanitário, algumas técnicas violentas eram empregadas também no traslado do doente, seja da sua casa até ao hospital como também ao mantê-lo no próprio hospital. Além disso, aí se torna um foco de doenças, que podem contaminar quem ainda não foi infectado. Ao arrancar os doentes dos leitos familiares menosprezam os perigos morais e físicos que ficam expostos no hospital, onde se misturam doentes de todas as espécies facilitando uma situação pestilenta (Mendes: 1908, n264, p.13). O Apostolado retrata casos deste tipo como sendo atos de abuso e imoralidade, pois significava a violação do sentimento de fraternidade universal, ao atacar ao mesmo tempo a consciência e o corpo dos

cidadãos em nome das fantasias materialistas” (Mendes: 1907).

Assim, Teixeira Mendes questionava o tipo de liberdade cívica que era usada na República, onde o cidadão republicano via sua casa sendo invadida pelo Estado com o pretexto de imprimir a higiene sanitária colocando em risco a harmonia das famílias brasileiras. Ou pior, o cidadão republicano via o seu corpo sendo invadido por um líquido de natureza duvidosa que percorria pela sua corrente sanguínea. Teixeira Mendes indagava qual seria aquele tipo de liberdade republicana que não respeitava a instituição familiar e nem mesmo o corpo físico do cidadão.

Para positivistas como Teixeira Mendes isso demonstrava a anarquia moral e mental trazida pela sociedade moderna desprovida “do predomínio *social* da doutrina científica capaz de sistematizar a *subordinação do egoísmo ao altruísmo*”. Ou seja, para se obter a restauração da paz, da ordem e finalmente alcançar o último estágio da história da humanidade, o nível positivo, haveria que se desenvolver um sentimento de unidade que proporcionasse a coesão coletiva,

onde os sentimentos individuais egoístas teriam que ser suprimidos.

Em relação às ciências enciclopédicas, Teixeira Mendes pensava que precisava-se de uma nova visão do que é ciência positiva, porque estes cientistas faziam uso apenas da matemática, astronomia, física e química de maneira fantasiosa e metafísica, e além de tudo não a utilizavam num sentido altruísta e sim de maneira egoísta, isolados em seus laboratórios, não ajudando em nada a sociedade. E quando diziam fazer uso das ciências de maneira altruísta estavam praticando nada mais nada menos do que violência contra o espírito e o corpo daquela coletividade.

A regeneração moral e mental da sociedade que se encontrava em completo estado de anarquia só seria possível através do desenvolvimento do sentimento altruísta da sociedade, mas tal unidade não poderia ser alcançada sem a unidade da convicção. E essa unidade só poderia ser mantida pelo espírito positivo científico (Mendes: 1907, p. 2). Este momento chegaria quando a fé científica, ou seja, a fé positivista, triunfasse livremente sobre um número significativo de almas femininas e masculinas, tanto na

classe dominante como na classe proletária (Mendes: 1907, p. 3).

Teixeira Mendes argumentava que a religião da humanidade alcançaria seu triunfo de maneira que predominaria o *amor universal* e o lado *social da fé científica*. O *amor universal* estaria desprendido do poder sobrenatural, do qual estaria submetido o materialismo médico; e a predominância do *social da fé científica* seria para que se rompesse com a situação anárquica e com a tirania médica que vigorava, passando, então, para a admiração filosófica de toda a escala científica: a matemática, a astronomia, a física, a biologia, a sociologia, a moral. E não da forma como as ciências eram percebidas naquele momento, sendo útil apenas a matemática, a astronomia, a física e a química, mas mesmo assim, de maneira fantasiosa e metafísica, e os estudos sobre fenômenos sociais e morais eram feito por alguns literatos alheios a qualquer meditação científica. Para Teixeira Mendes, a academia e corporações científicas estariam tomadas pelo espírito ilusório metafísico, impedindo a difusão da ciência libertada de teologia e metafísica.

ENCONTROS E DESENCONTROS: TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Mesmo se tratando de dois tipos de positivismo, o ortodoxo na figura de Teixeira Mendes e o heterodoxo no personagem de Luis pereira Barreto, alguns elementos em comum aparecem configurando-os enquanto positivistas brasileiros pertencentes ao fim do século XIX e começo do século XX.

Em ambos a questão do altruísmo em detrimento do sentimento egoísta aparece como princípio ativo do progresso. Os sentimentos altruístas seriam responsáveis por restabelecer a ordem mental, moral, social e política de uma sociedade, pois julgavam que se a anarquia persistia, era devido ao egoísmo existente entre os engenheiros, químicos, médicos, políticos e nas demais classes de dirigentes, que insistiam em não viver de forma harmônica com a sociedade ao seu redor, se importando apenas com a sua classe profissional. Por isso, teriam que abdicar da profissionalização e dos títulos acadêmicos e visar mais a dimensão coletiva da humanidade.

Esse argumento, ressaltando a dimensão altruísta da filosofia positivista,

ao permanecer tanto no representante do positivismo ortodoxo como também no heterodoxo, aponta para aquilo que Pocock caracterizou na filosofia da linguagem como movimento de transmissão, o que se convencionou ser chamado de “tradição”. O movimento de transmissão se refere ao que permanece ao longo dos tempos, está correlacionado a tradição, pois se a linguagem tem estruturas de funcionamento, ou seja, paradigmas e convenções que selecionam informações e favorecem a definição de valores de uma determinada forma, estas estruturas ou convenções geralmente não são corrompidas.

O altruísmo enquanto elemento de “tradição” aponta para as teorias comunitarista enquanto cultuação do coletivo. O positivismo, ao ressaltar a tradição comunitarista, “reforça a idéia de pátria, enfatizando as idéias de comunidade, de organicidade necessária da sociedade” (Barboza Filho: 2003, p. 29). Nesse sentido, como disse José Murilo de Carvalho, “as propostas concretas do positivismo, e não apenas suas posições filosóficas iam também na direção de promover a integração ao incorporar a classe proletária na sua

agenda política de ação” (Carvalho: 2005, p. 99-100). Ou seja, o altruísmo enquanto um elemento constituinte da linguagem positivista reforça a idéia de comunidade em detrimento do individualismo.

É deste princípio ativo, o altruísmo, que os desencontros entre positivistas ortodoxos e heterodoxos vão aparecer, uma vez que, se é neste princípio que encontramos o elemento comum, ou seja, o elemento que permanece nas estruturas linguísticas, também é este elemento em uso num contexto que se moverá de forma diferente, de maneira a caracterizar o movimento de inovação da linguagem.

Se por um lado, encontramos Teixeira Mendes acreditando no restabelecimento da unidade através da atividade de pregação e regeneração do altruísmo na sociedade via Igreja Positivista, a qual era a única capaz de transformar a mente e o coração da população e estabelecer de vez a Religião da Humanidade, onde predominaria o amor universal e o lado social da fé científica; Por outro lado, percebemos em Pereira Barreto o argumento do restabelecimento da unidade mental através do estabelecimento de um

programa com base na científica positivista, de forma a harmonizar as ciências com o meio, o meio com o homem, e vice-versa. Ao transformar as ciências em altruístas com relação ao seu meio, a esfera social consequentemente ia se transformar em altruísta. Se o estado de saúde do homem depende do meio, seria de extrema necessidade substituir a razão individual pela razão coletiva nas academias (Barreto: 1968, p.117).

Essa movimentação de diferenciação da linguagem positivista, ortodoxa e heterodoxa, se expande para a percepção da vacinação ora enquanto um ato de violência moral, social e político, ora enquanto um ato da ciência necessário para o progresso.

Teixeira Mendes argumenta ser a questão da vacina mais um dos inúmeros flagelos instalados pela modernidade, de maneira a colocar a modernidade como momento onde as aberrações se instalaram. A modernidade aqui é vista como desordem mental, moral e política e não como progresso. Desta foram, se a modernidade traz a desordem, quem traz o progresso?

Com certeza, nos argumentos de Teixeira Mendes o *progresso* adviria da

regeneração humana ao aderirem completamente à Religião da Humanidade, atingindo um estágio pleno tanto no campo moral, mental, social e político. Assim, o progresso, para este pensador, seria alcançado através da *ordem* restabelecida via a Igreja Positivista ao atingir o seu objetivo, o de converter o maior número de homens e mulheres para a Religião da Humanidade. Por isso a sua atividade panfletária era tão pungente.

Para Pereira Barreto este movimento seria diferente daquele pregado por Teixeira Mendes. A modernidade para Pereira Barreto é a própria evolução da ciência, e progresso o seu movimento harmônico para com o seu meio. A idéia de progresso teria as suas raízes em argumentos diferentes. O progresso em Pereira Barreto não viria da adesão religiosa a Igreja Positivista, mas sim da regeneração da Humanidade via ciência. Pereira Barreto ao implantar vários daqueles programas de ação: o da terra roxa, o da viticultura, o da febre amarela, e contra a Igreja Católica, trazia consigo uma conotação científicista, pois acreditava que isso atrairia mão de obra imigrante, principalmente a européia, a

qual por sua vez proporcionaria uma renovação das idéias rumo ao progresso.

A regeneração da humanidade aconteceria no momento em que cessar os sentimentos egoístas em prol dos sentimentos altruístas, pois se existe a humanidade entre o homem e meio, e se o estado de saúde do homem depende do meio, seria de extrema necessidade substituir a razão individual dominante pela razão coletiva (Barreto: 1968, p.117).

Ao perceber o que muda do discurso de Pereira Barreto para o discurso de Teixeira Mendes, encontra-se aquilo que Pocock denominou de inovação. Para Teixeira Mendes a regeneração da humanidade se dá através da Igreja positivista, e para Pereira Barreto a regeneração da humanidade se dá através da ciência. Para Teixeira Mendes a modernidade funciona a como causa das aberrações metafísicas não altruísticas, e para Pereira Barreto a modernidade funciona enquanto evolução das ciências harmônicas para com o seu meio social. Nestes moldes a “tradição” (os argumentos enfatizando o altruísmo) oferece o recipiente para a modernidade (que são os argumentos que sofreram transformação), a partir do momento em

que os argumentos sobre altruísmo é que vão mostrar os caminhos percorridos pelos os argumentos da modernidade.

Abstract

The aim of this work is the study of the positivist philosophy evidenced in Brazil at the end of the nineteenth century and beginning of the twentieth century. Two types of Brazilian positivism are taken as comparative reference, the orthodox one and heterodox one. The orthodox one would have as a representative Raimundo Teixeira Mendes as an acting member of the Positivist Apostolate in the city of Rio de Janeiro, and the heterodox one would have the doctor acting in the city of Jacareí in the state of São Paulo, Mr. Luis Pereira Barreto. When comparing these two types of Brazilian positivism, I start by identifying some elements which have and have not been changed. The unchanged element in both positivists points to the argumentations of altruism in detriment of egotism. The implementation of altruism in Teixeira Mendes would be through the adherence to the religion of Humanity while in Pereira Barreto it would be through science as a provider of Brazilian progress. The difference of modified element present in the orthodox and heterodox positivism is the argumentative active ingredient itself: in Teixeira Mendes it is the built-in religious basis as a background of the arguments whereas in Pereira Barreto it is science itself. This common element, altruism, points to a communitarianistic interpretation of Brazil when suggesting a

contention of the egotistical desires of the individuals in favor of mankind.

Key-words: positivism, language and altruism.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, A. *O positivismo de Luís Pereira Barreto e o Pensamento Brasileiro no Século XIX*. Coleção Documentos. Série Teoria Política. IEA/USP, São Paulo, v. 09, p. 1-18, 1995.

ANTONIO, P. *O Apostolado Positivista e a Republica*. Pensamento político republicano. Brasília: editora Universidade de Brasília, 1981.

BARBOZA FILHO, R. . As linguagens da democracia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, p. 15-37, 2008.

_____. Sentimento de Democracia. Lua Nova. *Revista de Cultura e Política*, São Paulo/SP, v. 59, p. 5-49, 2003.

BARRETO, L. P. Teoria da Gastralgias e das Nevroses em Geral. In.: BARROS, R.S.M. (org.). *Obras Filosóficas de Pereira Barreto*. São Paulo: Edusp/Grijalbo, 1865.

_____. A Vinha e a Civilização. (1896). In.: PAIM, A. (org.). *Plataforma Política do Positivismo Ilustrado*. Brasília, Câmara dos Deputados/UnB. 1980.

_____. O Século XX sob o Ponto de Vista Brasileiro. (1901). In.: PAIM, A.(org.). *Plataforma Política do*

Positivismo Ilustrado. Brasília, Câmara dos Deputados/UnB. 1980.

BARROS. R.S.M. *A Evolução do Pensamento de Pereira Barreto*. São Paulo: Edusp/Grijalbo, 1967.

_____. Obras filosóficas de Pereira Barreto. In.: BARROS, R.S.M. (org). Londrina: Ed. UEL, 2001. Vol II.

_____. Obras filosóficas de Pereira Barreto. In.: BARROS, R.S.M. (org). São Paulo: Humanita FFLCH/USP, 2003. Vol III.

CARVALHO, J. M. *A Formação das Almas - O Imaginário da República no Brasil*. S.P., Cia. Das Letras. 1990.

_____. *A Ortodoxia Positivista no Brasil. Um Bolchevismo de Classe Média*. *Revista Brasileira*, Ano 4, no. 8. 1989.

_____. *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. Teatro de Sombras: a política imperial Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

_____. Entre a liberdade dos antigos e a dos modernos: a republica no Brasil. In.: *Pontos e Bordados*. Belo horizonte: Editora da UFMG. 2005. p. 81 – 106.

COMTE, A. *Opúsculo de filosofia Social*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Globo/Ed. Da Universidade de São Paulo, 1972.

_____. *Curso de Filosofia Positiva*. In.: Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

_____. Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo. In.: *Coleção os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

_____. *Catecismo Positivista*. In.: Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

MENDES, R. T. *Ainda a questão da varíola e da vacina*. Apostolado Positivista do Brasil. Rio de Janeiro, nº 264, 13 jul. 1908. Disponível em (<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>). Acessado em: 13 set. 2009.

_____. *Ainda a vacinação obrigatória e a política republicana*. Apostolado Positivista do Brasil. Rio de Janeiro, nº 259, 23/03/1908. Disponível em (<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>). Acessado em: 13 set. 2009.

_____. *Ainda as cruéis e absurdas monstruosidades do despotismo sanitário*. Apostolado Positivista do Brasil. Rio de Janeiro, nº 252, 07 nov. 1907. Disponível em (<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>). Acessado em: 13 set. 2009.

_____. *Ainda em defesa da política republicana atraindo pela higiene oficial*. Apostolado Positivista do Brasil. Rio de Janeiro, nº 266, 01 ago. 1908. Disponível em (<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>). Acessado em: 13 set. 2009.

PETIT, A. História de um sistema: o positivismo comtiano. In.: *O positivismo teoria e prática*. TRINDADE, H.(org). Porto Alegre; Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

POCOCK, J.G.A . *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.

RORTY, R. *Pragmatismo: a filosofia da criação e da mudança*. Belo Horizonte:

Editora UFMG, 2000.

SKINNER, Q. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

TORRES, J.C.O. *O Positivismo no Brasil*. Petrópolis, Vozes. 1957.